

**O EU confessional nos quadrinhos:
apontamentos sobre a obra em quadrinhos *Mundo Pet*, de Lourenço Mutarelli,
sob a perspectiva do “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune**

Carla Cardoso Silva
Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro
carlacard@gmail.com

Escrevo de ouvido, escrevo pela melodia do que estou sentindo, talvez esse seja o meu maior truque. Eu ouço muito as pessoas e ouvir é uma coisa intuitiva mesmo, que procuro alcançar. Talvez isso seja minha principal armadilha, ou técnica.

Lourenço Mutarelli¹

Quem conhece e acompanha a produção literária de Lourenço Mutarelli identifica que esta se consolida nas fronteiras do confessionalismo e da ficcionalização, em histórias biográficas e autobiográficas, já que o autor, assumidamente, inspira-se na própria vida para criar suas histórias e seus romances, e, desta forma, leva ao público as suas realidades.

Essas são percepções que podem ser obtidas na leitura de *Mundo Pet* (2004), uma das obras em quadrinhos roteirizadas e desenhadas pelo escritor e ex-quadrinista. As histórias foram criadas entre 1998 e 2000 e publicadas, no período, no site *CyberComix* e numa revista de curta duração com o mesmo nome.

Mutarelli assume ser fiel aos acontecimentos narrados nas tramas que ele mesmo identifica como autobiográficas. Essa informação está disponível aos leitores na nota do autor, nas primeiras páginas da obra. O escritor assume, desse modo, um pacto com o leitor, o que identifico como o pacto autobiográfico proposto pelo pesquisador francês Philippe Lejeune (2008). Esse contrato se estende também aos desenhos criados pelo escritor, já que não é apenas por meio da palavra escrita que vestígios de autobiografia podem ser identificados, segundo aponta Lejeune:

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os outros gêneros da literatura íntima (diário, auto-retrato, auto-ensaio) (LEJEUNE, 2008 p.24).

¹ Em entrevista concedida à autora em 11 nov. 2008.

O pacto proposto por Lejeune baseia-se na credibilidade, por parte do leitor, de que autor, narrador e protagonista da história contada são a mesma pessoa, ou, como aponta Lejeune, o autor seria ele próprio um texto, já que somos todos “homensnarrativas”(idem, p.74-77).

Na observação mais aprofundada desses textos/imagens, busco os “vestígios” que apontam essa identificação do “eu mutarelliano” e da construção e desconstrução de cotidiano do autor nos casos contados. Percebo que, dessa forma, há uma estreita relação de cumplicidade, entre leitor e escritor, já que ficam explícitos acontecimentos pessoais da vida do autor.

Mas é também no fingimento ficcional que o leitor pode rastrear essa “identidade” do autor. E Lejeune conceitua esse texto ficcional como “romance autobiográfico”.

Chamo assim todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e *personagem*, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la (LEJEUNE, 2008, p.25).

Nesse caso, utilizo o termo identidade, como sendo algo que se constrói ao longo do tempo, e não como algo inato. Segundo Stuart Hall (2004), o sujeito, antes com uma identidade unificada, estável, se torna fragmentado, com várias identidades em si, até mesmo contraditórias. “Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’” (HALL, 2004, p.12-13).

Nesse processo de “identificação”, construímos “biografias que tecem diferentes partes de nossos “eus” divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude” (HALL, 2004, p.39).

Percebe-se, desse modo, como são próximas as fronteiras entre o ficcional e o real, e o próprio Lejeune admite que não há diferença entre ambos, se nos detivermos na análise do texto apenas. “Todos os procedimentos que a autobiografia utiliza para nos convencer da autenticidade do relato podem ser – e muitas vezes o foram – imitados pelo romance” (idem, p.26).

É, portanto, como “cão de caça”, expressão utilizada por Lejeune (ibidem) que estabeleço contato com a leitura de Mutarelli, em busca desses vestígios, no rastreamento das memórias do autor, nas suas diferentes perspectivas da realidade.

Nesse contexto, vale lembrar o que afirma Walter Benjamim em *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e poética* (1987): “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIM, 1987, p.198). O pesquisador acrescenta que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (p. 201).

Para tal identificação, utilizo outras obras do escritor – até mesmo fora do campo de quadrinhos como romances e filmes – e entrevistas concedidas por ele, a partir das quais é possível fazer algumas comparações de casos “reais” vividos, com as histórias escritas pelo autor.

Michel Foucault também contribuiu para minha investigação quando diz, em ‘A escrita de si’, que esta atenua os perigos da solidão. Assim, escrever é um modo de partilhar, se expor. Segundo Foucault, a escrita de si “dá ao que se viu ou pensou um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro” (FOUCAULT, 1992, p.131).

Nessa análise, vou me deter nas quatro histórias – entre as doze distribuídas no álbum – identificadas pelo escritor como autobiográficas: *Estampa forjada*, *Meu primeiro amor*, *Dor ancestral* e *Dossiê Stick Note*, levando em consideração o contrato de identidade firmado com o leitor e selado com o nome do escritor e também mediante a informação contida na nota do autor.

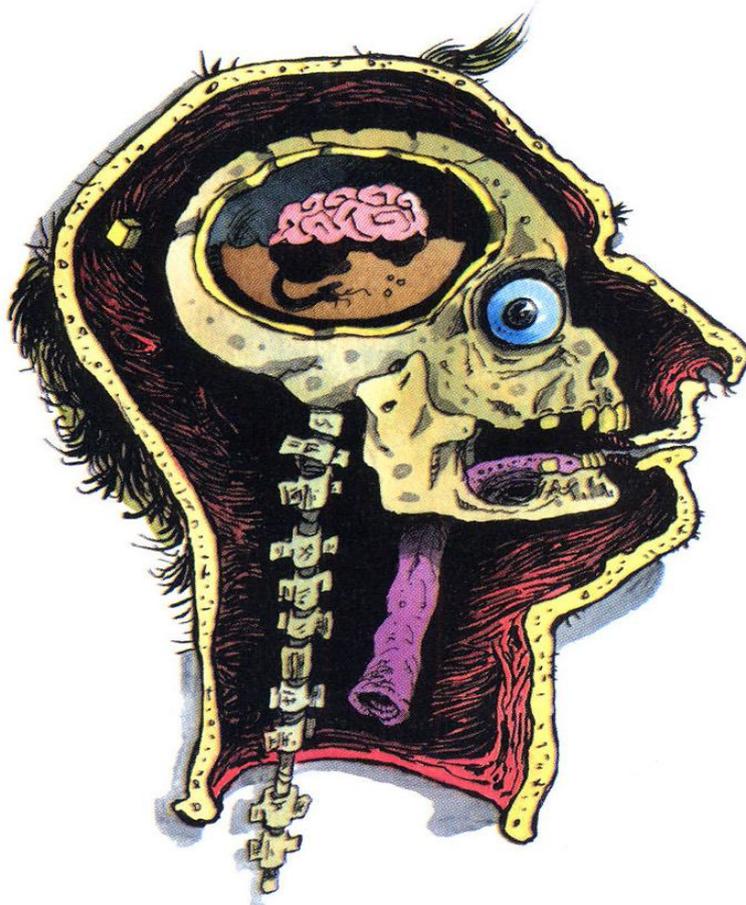
Mutarelli – Um bife que conta histórias

“Minha camisa não passa de um pedaço de pano, minhas coisas são pedaços de outras coisas. Eu não passo de um pedaço de carne que desenha. Um bife que conta histórias”. É com o que parece ser um grito de desespero que o escritor paulistano Lourenço Mutarelli coloca um ponto final na história *Estampa forjada*, a primeira história da obra analisada.



Estampa Forjada

A
Norma Funicello Schiavino



Escrita em abril de 1998 e dedicada a Norma Funicello Schiavino, na história de seis páginas, o autor visita a avó em um asilo, se identificando, de forma humorada, como uma espécie de Chapeuzinho Vermelho. Ao chegar ao asilo, a avó diz que estão trocando todas as suas coisas por cópias idênticas. E a partir daí, há uma série de questionamentos íntimos do autor.

Já na primeira página da história (p. 11), é possível identificar a imagem como um auto-retrato do escritor: jeans e camiseta, magro, estatura mediana, calvo, rosto com sardas, óculos e a presença constante do cigarro. O caos de uma grande cidade, no caso específico São Paulo, onde nasceu e vive o escritor, está sempre presente em suas histórias.

Estampa Forjada

Olá. Meu nome é Lourenço. Faço histórias em quadrinhos. Quando me convidaram para participar desta revista, pensei em escolher um dentre os inúmeros argumentos que guardo no meu caderno de notas. Por mais estranho que possa parecer, a história que aqui apresento não faz parte dessa casta. Não é a melhor ou a mais bela, e nem sinto alguma preferência por ela. Eu a conto, pois ela urge, se faz urgente.

Eu preciso torná-la pública, mesmo conhecendo o risco que corro. Preciso que alguém me escute e, se possível, em mim acredite.

Ela teve início há exatos 45 dias, fruto de um hábito quase rotineiro...

De quinze em quinze dias, vou visitar minha avó no asilo...



Na segunda história explicitamente autobiográfica, *Meu primeiro amor* – criada em abril de 1999 e dedicada a Simone Maia –, o autor utiliza suas memórias, nas nove páginas de texto, para contar um fato “vivido” na infância: os primeiros contatos com a sexualidade, com o erotismo. Ele lembra quando adquiriu e se “apaixonou” por uma carta de baralho com uma mulher nua, e como o desenrolar do caso afetou sua vida.

Creio que eu tinha seis ou sete anos... Não posso precisar... Foi no colégio. Disso eu me lembro. Quanto a seu corpo e seu rosto, não me resta a menor dúvida: eu jamais a esquecerei em toda a minha vida.



Eu estudava em um colégio de padres, uma escola burguesa, embora pertencesse à classe média baixa. Não sei como meus pais conseguiam custear meus estudos. Eles investiam acreditando, com isso, estar traçando o nosso destino, meu e dos meus irmãos.



Éramos corpos estranhos naquele suntuoso prédio da diocese.



Chegávamos lá levados por um Fusquinha modelo 1959. E já estávamos em 1970.



Nesse caso, vemos um pequeno Mutarelli, com as sardas no rosto, acompanhado por seu irmão menor, e compartilhamos memórias pessoais como o esforço dos pais – uma família de classe média – em oferecer aos filhos a possibilidade de estudar em uma boa escola. A história se passa em 1970, e detalhes pessoais da família, como o fato de possuírem, na época, um fusca modelo 1959, no qual eram levados à escola, são pontuados.



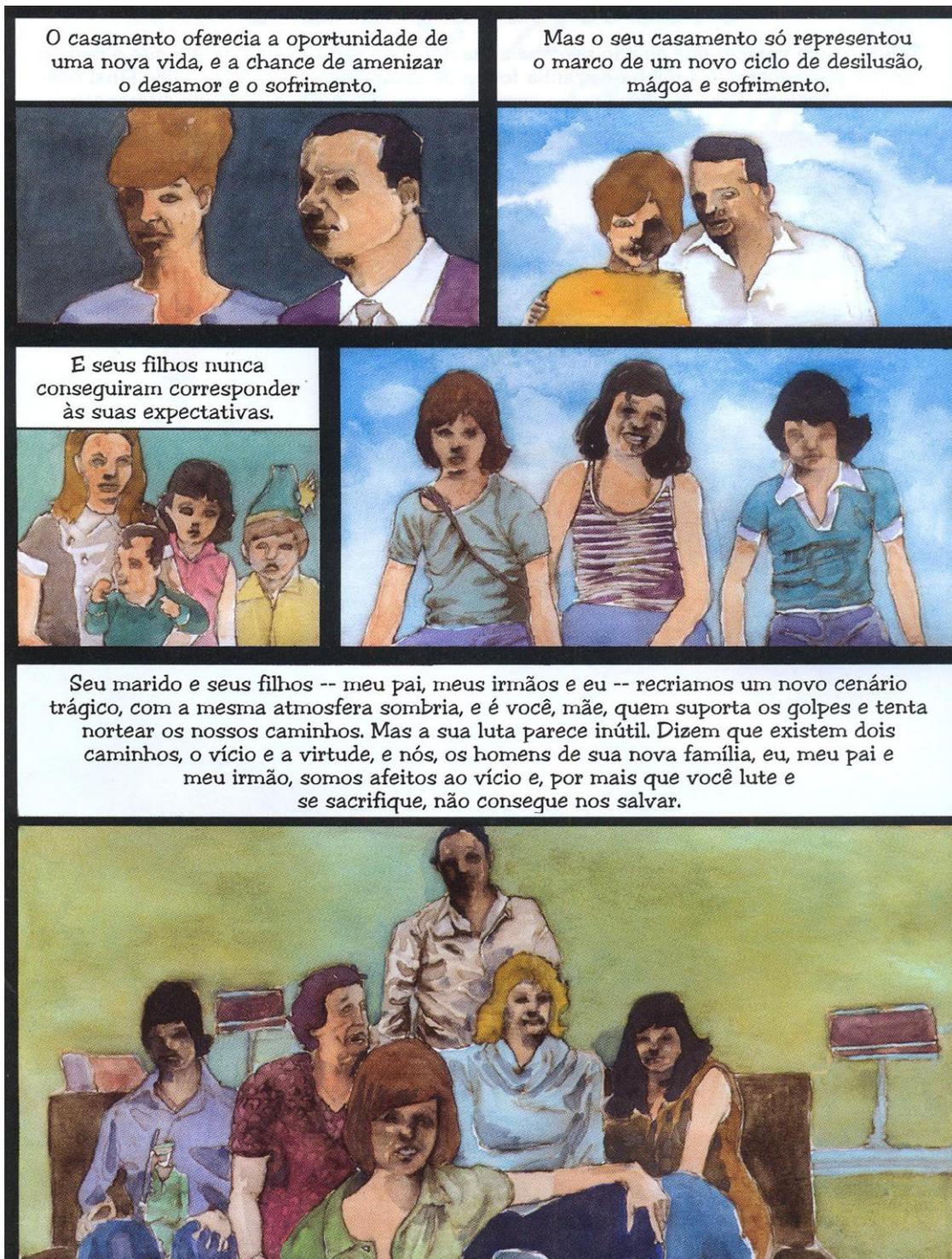
Felizmente, eu nem suspeitava que minha vida estava ali, representada numa tetuda e sorridente anônima.



Nas místicas lâminas do Tarô, o Dez de Gládios representa a Ruína... dor, aflição, tristeza, angústia mental, desolação, mágoa...



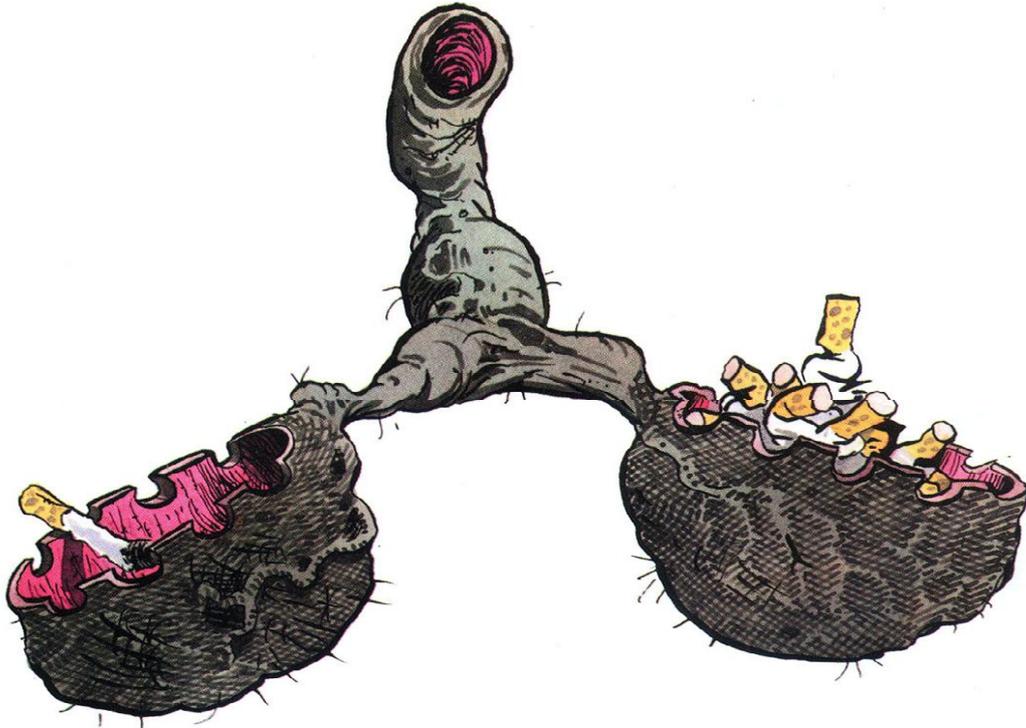
Dor ancestral, de agosto de 1999, em oito páginas, é dedicada a Sandra Mutarelli, mãe do autor, e traz relatos sobre a vida dela, distribuídos entre textos, lembranças e fotografias, exteriorizadas no papel em ilustrações criadas à base de fotos do álbum de família. Observamos imagens do que seriam o autor e seus irmãos, o seu pai, e a sua mãe, em especial, em situações vividas até mesmo durante a infância. As ilustrações são pintadas à mão com aquarela e ecoline.



Em *Dossiê Stick Note*, de julho de 2000, Mutarelli faz uma dedicatória a uma pessoa identificada por “X”. Em quatro páginas, o autor conta que, em uma noite recebeu um chamado telefônico do amigo “X”, que faz uma série de desesperadas confissões. Ele, inclusive, pediu que esse fato fosse transformado em quadrinhos. Um tempo depois, o autor teria entrado em contato com “X”, que não se lembrava do que havia acontecido. Mesmo assim, a adaptação do caso para os quadrinhos foi permitida.

Dossiê Stick Note

Ao “X”



Nas imagens, podemos identificar claramente o autor e até mesmo sua esposa, em desenhos que mantêm as características de ambos como o tipo de cabelo. Em seu texto, ele afirma que a história é real. Um fato curioso, que demonstra mais uma faceta da criatividade do autor, é que toda a história foi desenhada em *stick notes*, bloquinhos auto-adesivos.

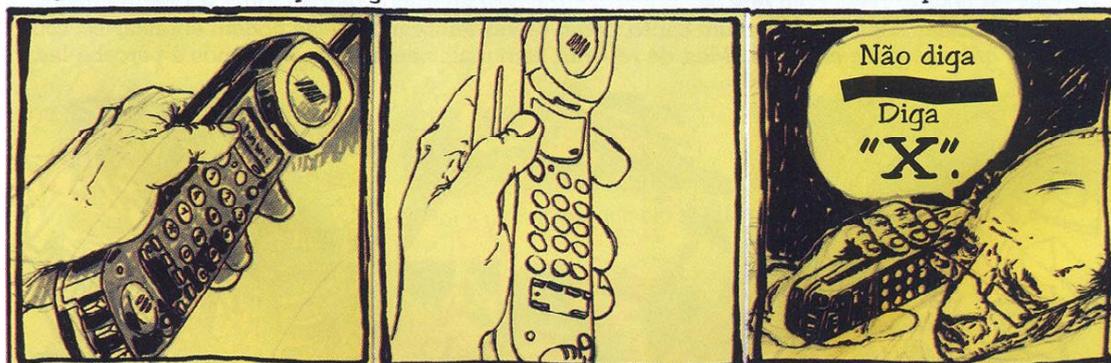


Ele estava tão bêbado que [redacted] a Lu não reconheceu sua voz.

Especialmente convidado

X EM **Dossiê Stick Note**

Logo percebi que estava com uma grande responsabilidade nas mãos. Ele, meu amigo, o "X", parecia estar a ponto de cometer um gesto extremo e irreversível. "Eu fiquei vasculhando minha agenda à procura de alguém que pudesse me compreender... me ajudar", disse o "X". E prossegui: "É um louco amador consultando um louco profissional..."



Agi como se deve agir nessas horas. Procurei demonstrar meu carinho, segurança e, dando-lhe a chance de falar, estimulando-o a falar, a desabafar. Não sei se, felizmente ou infelizmente, essa era a terceira vez que eu vivia essa experiência de tranquilizar um amigo que estava prestes a cometer suicídio. Em outra ocasião, eu consegui fazer com que um conhecido abaixasse a arma que apontava para a cabeça de meu irmão e fosse para casa. Mas, voltando à história, consegui fazer o "X" drenar sua angústia... Ele desencadeou a falar... Ele realmente precisava desabafar aquele grito que, a todo custo, precisou sufocar. Ele disse que seu nome não era aquele pelo qual eu o tratava. Disse que possuía quatro identidades, com documentação, passaporte e tudo o mais... Disse outras coisas que não poderei repetir...

Na sua obra, especificamente no texto *Dor ancestral*, Mutarelli sugere que as fotografias, as imagens retratadas (geralmente em desenhos por observação, preferidos pelo autor), não se tratam de uma reprodução da realidade, mas fazem parte de suas memórias.

A partir de velhas fotos e vagas lembranças, busco uma síntese da sua história. Tento resgatar a origem da desilusão e da desesperança. Dessa dor ancestral, se eu pudesse, se eu tivesse o dom, mudaria sua história, daria graça a essas fotos, vida a esses vultos. Mas minha mão só pode deformar ainda mais as coisas e meus olhos só enxergam a tristeza e tudo torno medonho. Essa é a minha maldição. Certas fotos. Incertas lembranças (MUTARELLI, 2004, p.53).

Solidão, memórias, insanidades são temas presentes nos enredos, temas também presentes em experiências pessoais do autor. São, portanto, episódios biográficos retratados com utilização de elementos fantásticos. A relevância da imagem, da fotografia está presente nessa e nas demais histórias (aliás, em toda sua obra de HQ), em uma forma de representação da materialização da memória.

(...) Enquanto história, o retrato supõe a tradução fiel, severa e minuciosa do contorno e do relevo do modelo. Isso não exclui a possibilidade da idealização, ou seja, a escolha da atitude mais característica do indivíduo e a ênfase dos detalhes mais importantes em detrimento dos aspectos insignificantes do conjunto. Enquanto romance, o retrato é, sobretudo produto da imaginação, mas nem por isto menos fiel à personalidade do modelo, cuja cabeça pode estar integrada numa cálida atmosfera difusa ou emergir “das profundezas de um crepúsculo” (FABRIS, 2004, p.21, *In*: PAZ, 2008, p.158).

O pesquisador Rafael Araldi Vaz apresenta, em *O que o retrato retrata? Identidade e ficcionalidade*, o simulacro e também a ficcionalidade que se destacam como expressões formadoras da imagem, tanto a fotografia em si, como no caso da obra analisada, as imagens que são retratadas por Mutarelli, possibilitando uma forma de compreensão do sujeito.

Deste modo, o artista dá a ver o que é de fato fundamental no retrato: o sujeito como representação. Enquanto representação, o sujeito é um simulacro, um artifício em cujo corpo se inscreve a ordem cultural como montagem, ou melhor, como epiderme segunda, feita de imagens das mais diferentes proveniências (VAZ, 2008).

Por meio de seus desenhos, com traços fortes e bem peculiares, os retratos de si, (auto-retratos) e dos outros ao seu redor são relevantes no trabalho de Mutarelli, representando, de certa forma, a materialização de suas memórias, e não retratando fielmente a realidade. Se compararmos outras obras do escritor, identificaremos diversos vestígios autobiográficos, até mesmo no próprio *Mundo Pet*. Em histórias que não foram identificadas pelo autor como autobiográficas, encontramos semelhanças. Há personagens que trazem características semelhantes às do autor, como a calvície e os óculos.

Para justificar esse fato, o próprio autor concede uma explicação durante entrevista concedida ao Universo HQ², em 2001. Ele responde da seguinte maneira, quando questionado sobre o fato costumeiro de inserir pessoas do seu convívio como personagens, em suas histórias de ficção e biográficas:

...Geralmente os vilões são baseados em pessoas que gosto muito e posso brincar com isso. Teve uma época que todo personagem que eu desenhava tinha a minha cara. Colocava uma barbinha e pronto. Aí, comecei a pegar pessoas próximas, fazer uma caricatura da alma, do lado negro de cada amigo.

Em entrevista a Liber Eugênio Paz, em 2007, utilizada em uma dissertação de mestrados, Mutarelli fala sobre sua experiência em *Mundo Pet*, criado, a princípio, para a internet.

Eu gosto muito do *Mundo Pet*. Porque eu fiz todas as histórias enquanto eu tava fazendo a trilogia. E como na trilogia eu tentei fugir de mim, dessa coisa mais autobiográfica, eu fazia as histórias do *Mundo Pet* em uma semana, dez dias, à noite e tal. Aí eu comecei a fazer histórias mais biográficas. Tem histórias aí que são cem por cento biográficas, tem algumas que são metáforas. Essa aqui [Estampa Forjada] é verdadeira até o ponto que minha avó fala isso aqui [“Olha a estampa! Olha os desenhos... Eles fizeram uma imitação do que era!!! Tiraram o molde e me deram outro!!!”]. E quando ela falou isso tinha gente lá que falou “ah, ta, cala a boca”. Eles não tinham paciência com ela porque ela repetia e falava coisas sem sentido. Mas eu fiquei pensando... e se for verdade? E se alguém trocou? Quem trocaria o vestido dela e por quê? E aí, entrando nessa eu desenvolvi. É um negócio que eu faço na oficina de roteiro, que eu to tentando organizar de fazer aqui essa oficina. Ela é muito legal. É legal mesmo. Eu faço por isso, porque eu sinto que ela liberta um pouco as pessoas. Eu acho impressionante comparar o texto antes e depois da

² Disponível no site: <http://www.universohq.com/quadrinhos/entrevista_mutarelli01.cfm> Acesso em: 27 abr. 2009

oficina. O que eu faço é dividir. Não é pra seguir o meu método, mas é pra se libertar de algumas coisas. (PAZ, 2007, p.253).

Quanto ao outro texto autobiográfico, *Stick Note*, na mesma entrevista, Mutarelli admite que, para criar suas histórias fantásticas e ficcionais, se inspira em sua realidade, que é considerada por ele “bem fictícia”, já que vive casos e coincidências que mais parecem obras de ficção. Ele explica:

... É uma história verdadeira. Hoje em dia eu posso até falar quem é o cara. Ele é um italiano e na Itália não tinha tido anistia. Então ele saiu como um dos 500 mais procurados pela Interpol. E ele me ligou totalmente chapado e depois nem lembrava que tinha ligado. Conforme ele foi falando comigo, ele falava umas coisas tão absurdas e eu comecei a rabiscar tipo isso, isso e tal. Umas coisas que eu coleí, coisas de telefone, que eu tenho colado no telefone. Aí eu falei, cada quadrinho é do tamanho de um *stick note*, né. Aí eu fiz. Queria fazer de *post it* que era o original, mas o que tinha era o *stick note*. Depois que eu fiz essa história eu falei com ele e pedi pra ele dar uma olhada na história, se ele autorizava. Algumas coisas ele censurou, ele achou que comprometia. Quando ele tinha 17 anos na Itália, ele participava de grupos revolucionários. Então ele assaltava banco pro partido, essas coisas. Daí ele fugiu e estava sendo procurado. Mas agora ele foi anistiado e pôde voltar pra Itália, uns dois anos atrás. Depois de muito tempo, foi visitar o túmulo do pai dele e fazer umas coisas assim. E é um cara incrível, um cara que eu adoro. (*ibidem*)

O cotidiano de Mutarelli sempre esteve presente nas suas obras, desde o início de sua carreira nos quadrinhos, na década de 1990. Ele mesmo diz que seus trabalhos eram pesados, agressivos, o que estaria diretamente ligado com o seu sofrimento com a psicose maníaco-depressiva que o acometeu por muitos anos. Em resposta à entrevista ao Universo HQ, ele conta que os quadrinhos ajudaram no combate à doença.

Tinha muito a ver. Não só com isso, mas uma série de problemas que eu tinha, a dificuldade que eu estava vivendo, que tinha passado a vida inteira. Era meramente terapêutico, um jeito de drenar (...). Ajudaram muito. Os quadrinhos salvaram minha vida! Eu tinha dificuldade de me relacionar, de me expressar. O quadrinho fez com que eu me relacionasse, me casasse, com que eu tivesse um filho. O quadrinho foi fundamental.

Eis uma sensação de proximidade que o leitor mantém com o escrito. Esse é o tipo de informação que transmite credibilidade e faz com que o leitor tenha a sensação de ser um cúmplice, um companheiro, um ombro amigo para que o escritor possa desabafar. Dessa forma, o leitor recebe as histórias como um desabafo a um amigo, como um meio pelo qual o escrito compartilha e preserva suas memórias.

O ato de Mutarelli registrar suas lembranças em textos e desenhos pode ser considerado uma tentativa de construção da identidade e de evitar o esquecimento. E o leitor se identifica com essas auto-imagens retratadas, do mesmo modo que o próprio Lejeune, ao confessar que, diante de um auto-retrato, revê e revive suas próprias “paradas diante do espelho” (LEJEUNE, 2008, p.244).

HQs – a arte a cada quadro

Como falamos em HQs, cabe uma pequena divagação sobre esse gênero literário e artístico. A análise de quadrinhos é um assunto extenso, mas ousou citar aqui, breves apontamentos sobre o estilo, para uma maior percepção desse gênero. Vou partir do clássico: história em quadrinhos é um tipo de linguagem na qual se combinam textos e desenhos, distribuídos em quadros sequenciais, para se contar uma história.

O que faz do bloco de imagens uma série é o fato de que cada quadro ganha sentido apenas depois de visto o anterior, a ação contínua estabelece a ligação entre as diferentes figuras. Existem cortes de tempo e espaço, mas estão ligados a uma rede de ação logicamente coerente (Klawns e Cohen, apud, Anselmo, 1975, p.33), (SILVA, 2001, p. 1).

As imagens, portanto, são essenciais nestas obras. Nelas, estão inseridas as cores, os ambientes, que identificam as características de cada personagem no decorrer da ação. O uso de balões faz a diferença no gênero. As onomatopéias também são marcantes na reprodução dos sons, por exemplo.

Os quadros distribuídos nas HQs podem ser comparados aos do cinema e muitos conceitos da narrativa cinematográfica são aplicados para a análise de quadrinhos.

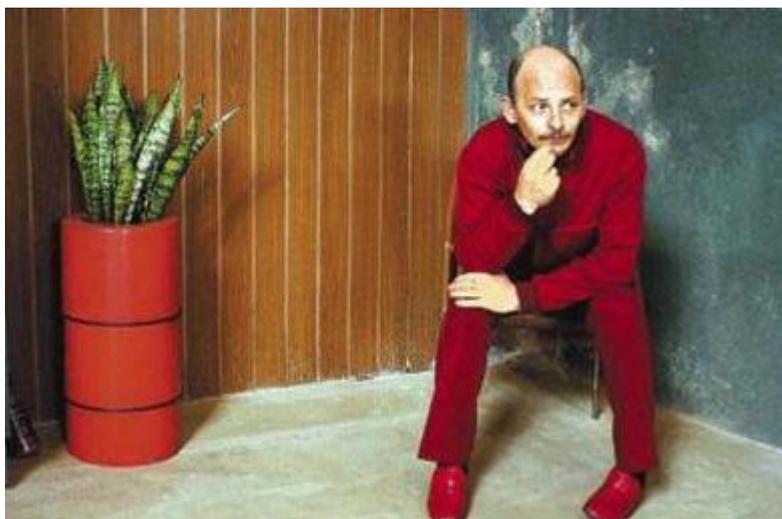
A diferença é que no cinema as imagens estão em movimento constante enquanto que nos quadrinhos elas são estáticas. Contudo isso não significa que nas histórias em quadrinhos os desenhos são estáticos porque, apesar desta limitação em relação ao cinema, os desenhistas conseguem muito precisamente dar a idéia de movimento e ação às suas histórias. (*Idem*, p.3)

Há quadrinhos para crianças e para adultos, como os de estilo *underground* e super-heróis, e cada um traz contextos sociais específicos. A narrativa é muito importante para a interpretação de cada leitor da história, pois, “através da escolha de um certo tipo de narrativa o autor pode vincular seu produto a várias possibilidades de convenções de leituras e experiências cotidianas dos leitores” (*idem*, p.6).

“Era uma vez...”, em outras obras

“Precisamos desesperadamente que nos contem histórias. Tanto como comer, porque elas nos ajudam a iluminar a realidade e organizar o caos das nossas vidas”³. A frase do escritor Paul Auster (um dos admirados por Lourenço Mutarelli) também identifica essa busca de “cão de caça” de fatos reais em obras do gênero de ficção, os não identificados como autobiográficos.

Observando outros trabalhos de Mutarelli, é possível identificar vestígios biográficos e da vida de parentes. No longa *O cheiro do ralo* (2007), baseado no livro homônimo do escritor, publicado em 2002, vemos uma cena na qual Mutarelli, interpretando o segurança do personagem principal, proprietário de um antiquário (vivido por Selton Melo), compra um baralho antigo de mulheres nuas.



O segurança faz a negociação, sem que o patrão saiba, e consegue comprar as cartas por um preço simbólico. Essas seriam as mesmas cartas presentes em suas memórias de infância e retratadas na história autobiográfica *Meu primeiro amor*, já citada anteriormente? E se esse mesmo objeto estiver presente também em outra obra do autor? Pois é isso mesmo que acontece no livro *Jesus Kid* (2004), em que o personagem cowboy que dá título ao livro aparece, constantemente, “matando o tempo” ao brincar de jogar, a distância, em seu chapéu, as mesmas cartas de baralhos de mulheres nuas.

³ Frase proferida pelo escritor Paul Auster. Disponível em: <http://www.frasesypensamientos.com.ar/frases-deimaginacion_5.html>. Acesso em 1 jul. 2009.

Como já foi citado anteriormente, os desenhos de pessoas do convívio de Mutarelli e personalidades que ele admira também estão presentes em suas ficções. Em *O rei do ponto* (2000), segundo álbum da trilogia do detetive Diomedes, personagem de quadrinhos preferido do escritor, podemos identificar essas pessoas, mediante uma fotomontagem com legendas que está nas últimas páginas da HQ.

O policial Germano Cale, na verdade é o músico britânico John Cale. Os bandidos Zóião e Gambero são os amigos Anderson Barbosa e Cláudio Cammarota. Na página 48 dessa obra, podemos identificar, como “figurantes” da cena, o próprio Lourenço Mutarelli com a esposa, Lucimar, e filho Francisco. Até mesmo o poeta Glauco Mattoso é homenageado na história interpretando ele mesmo! A “realidade” do escritor está presente, portanto, também em suas obras de ficção.



No quadrinho acima, no lado direito da página, o leitor desavisado pode não perceber, mas quem conhece o autor e seu estilo o identifica com sua esposa e seu filho como figurantes da cena.

“A realidade não existe se não houver imaginação para vê-la”

Para averiguar a credibilidade dos fatos autobiográficos nos textos de Lourenço Mutarelli, utilizo muitas entrevistas concedidas pelo autor a jornais, sites, vídeos e

⁴ Idem.

inclusive a mim mesma. Como jornalista, busco apoio na “veracidade” das informações contidas nas respostas que foram obtidas.

Essa credibilidade nas respostas, segundo François Jost, em suas *Seis lições sobre televisão* (2004), se baseia em uma espécie de “modelo de contrato” e de “promessa” na relação entrevistador/entrevistado/telespectador. O termo “contrato”, muito utilizado por analistas do discurso e por semióticos, é “substituído” pelo modelo de promessa por Jost, no caso da televisão, pois o número de receptores é amplo, o que faz com que esse contrato torne-se difícil de compreender.

Essa promessa (de que o que se está dizendo é uma verdade) propõe um engajamento em relação ao outro, se atualizando na confiança mútua, supondo uma relação de credibilidade. Nas transmissões ao vivo, por exemplo, existe essa promessa de autenticidade, de forma mais ampla e mais clara do que em outros tipos. Se bem que, às vezes, pode não ser dessa forma. Mas, tanto na TV, como num jornal escrito, há a presença de apresentadores e jornalistas como testemunhas. “Aquele que promete não se compromete ele próprio, a não ser na medida em que ele está engajado ao olhar do outro [F. Jacques, 1999]. (...) o que implica, logicamente, que a mentira seja destruída pela reciprocidade das pessoas” (JOST, 2004, p.28).

François Jost ressalta que

embora a verdade seja uma noção ambígua, contestável tanto quanto a objetividade, isso não impede que tenhamos necessidades de tomar algumas imagens como verdadeiras e que valorizemos todos os meios técnicos que permitem manter a impressão do mundo sem transformá-lo: a imagem fotoquímica ou eletrônica que marca o traço visual das coisas e, certamente, o direto que aparece hoje ainda como uma garantia de autenticidade (p.34).

Essa premissa pode ser utilizada não apenas no texto imagético da televisão, mas no texto escrito, numa relação entrevistador/entrevistado/leitor. Fala-se, por exemplo, de contrato com o leitor. Em televisão, diz ele, contrato pode definir o acordo pelo qual emissor e receptor reconhecem que se comunicam e o fazem por razões compartilhadas.

Interessado em todas as emissões que se situam nas fronteiras entre ficção e realidade, em entrevista concedida às doutoras Miriam de Souza Rossini, Maria Lília Dias de Castro e Elizabeth Bastos Duarte⁵, em 2004, Jost afirmou que:

⁵ Entrevista publicada na *Revista Fronteira – estudos midiáticos*, v. 6, n. 1, jan./jun. 2004.

Inicialmente, o contrato pensa uma época pré-midiática que supõe um enunciador confiável que diz isto é ficção ou isto é uma autobiografia e que não mente dizendo isso. Quando Lejeune fala de pacto autobiográfico, ele se apoia no autor que assina seu nome na capa e que é também o narrador do livro, na medida em que se trata do mesmo nome. Dizer que uma ficção demanda um contrato de ficção é definir o ópio pela sua *vertu dormitive* (Molière).

“Enquanto houver uma pessoa que acredite, qualquer história pode ser verdadeira”⁶

Phillipe Lejeune, em seus estudos sobre a autobiografia – estudos que se complementam e se constroem nos últimos 30 anos – observa que “o momento em que alguém nos prepara para suas confidências e tenta nos seduzir era certamente visto como um artil, que deveria ser lido com indulgência e não como um momento forte e verdadeiro” (LEJEUNE, 2008, p. 72).

No pacto autobiográfico, como, aliás, em qualquer “contrato de leitura, há uma simples proposta que só envolve o autor: o leitor fica livre para ler ou não, e, sobretudo, para ler como quiser” (LEJEUNE, 2008, p.73).

Segundo a narratologia proposta por Todorov (1969), toda narrativa é uma fabricação. “A promessa de dizer a verdade, a distinção entre verdade e mentira constituem a base de todas as relações sociais” (LEJEUNE, 2008, p.104). Entretanto o “fato de a identidade individual, na escrita, como na vida, passar pela narrativa, não significa de modo algum que ela seja uma ficção” (LEJEUNE, 2008, p.104).

Vale ressaltar que o pesquisador Philippe Lejeune aponta ainda que “o que é recebido pelo leitor com intensidade e utilizado por ele para a construção de sua identidade narrativa parece-lhe não pode vir senão do eu profundo do autor. O intenso parece ‘verdadeiro’, e o verdadeiro só pode ser autobiográfico” (LEJEUNE, 2008, p.176).

Desse modo, é possível identificar, sim, os vestígios do pacto autobiográfico tal qual foi proposto por Lejeune nessas quatro histórias da obra de Lourenço Mutarelli. Mas como saber se esse escrito de caráter tão pessoal realmente contém “testemunho verídico da história e daquilo que se passou com o seu autor”, como propõe Denise

⁶ Frase proferida pelo escritor Paul Auster. Em MUTARELLI (2004, p.11). Citação no posfácio de Lucimar Mutarelli.

Schittine (2004). Ela afirma que “a escrita íntima possui, e sempre possuiu, um certo caráter ficcional, gerando por isso essa dúvida no leitor” (SCHITTINE, 2004, p.116).

Cabe, portanto, ao leitor, fazer o devido julgamento e avaliar o quanto esse resultado é importante, ou não, para influenciar o prazer da leitura. Segundo Denise Schittine:

A verdade é que, num escrito íntimo, existem gradações entre a sinceridade absoluta e a mais pura ficção: pequenas mentiras, falhas na memória, lembranças entrecortadas. Esses fatores não comprometem totalmente a veracidade dos fatos, mas influenciam-na fortemente... Quando alguém escreve, principalmente para um público, tenta preencher as lacunas, completar os fatos, explicar as experiências e, assim, muitas vezes, acaba interferindo nelas (*Idem*, p.117).

Lourenço Mutarelli – uma biografia

Lourenço Mutarelli é uma daquelas pessoas com quem se tem vontade de conversar um dia inteiro, sem se preocupar com a hora. O escritor de fala mansa e olhar triste tem fãs espalhados pelo Brasil desde a época em que fazia quadrinhos. Ele se dedicou a essa produção no período de 1988 até 2006. Foi na década de 90 que seu trabalho começou a se destacar no mercado nacional com a produção de álbuns premiados e ovacionados pela crítica de quadrinhos. Suas obras em quadrinhos participaram de festivais internacionais e foram publicadas em países da Europa.

Atualmente se dedicando à literatura, cinema e teatro, Mutarelli é autor dos livros: *O cheiro do ralo* (2002), *O natimorto* (2004), *Jesus Kid* (2004) e *A arte de produzir efeito sem causa* (2008). Entre as obras, *O cheiro...* foi adaptado para o cinema, em 2007, num roteiro criado em parceria com o também escritor e amigo Marçal Aquino e pelo diretor Heitor Dhalia. No elenco, o filme traz Selton Melo (no papel principal que, no longa, recebe o nome de Lourenço, numa perceptível homenagem ao escritor) e o próprio Lourenço Mutarelli, como coadjuvante.

O livro *O natimorto* também vai parar nas telas do cinema e já está em fase final de produção. No elenco, Simone Spoladore e Mutarelli, que interpreta o instigante protagonista. Entre suas obras em quadrinhos, destacam-se os álbuns *Transubstanciação*, *Desgraçados*, *Eu te amo Lucimar* e *A confluência da Forquilha*, *A caixa de areia* e a trilogia do detetive Diomedes (*O dobro de cinco*, *O rei do ponto* e *A soma de tudo*), que também vai virar filme, com o ator Cacá Carvalho interpretando o desengonçado detetive.

Referências

BENJAMIM, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e poética*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FOCUALT, Michael. *O que é um autor*. 3 ed. São Paulo: Passagens, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9.ed. São Paulo: DP&A, 2004.

JOST, François. *Seis lições sobre televisão*. Organização: Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lítia Dias de Castro. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2004.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rosseau à internet*. BH: UFMG, 2008.

MUTARELLI, Lourenço. *Mundo Pet*. Ilustrações do Autor. São Paulo: Devir, 2004.

_____. *Jesus Kid*. Ilustrações do autor. São Paulo: Devir, 2004.

_____. *O dobro de cinco*. São Paulo: Devir, 1999.

_____. *O rei do ponto*. São Paulo: Devir, 2000.

_____. *O natimorto: um musical silencioso*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2004.

_____. *A arte de produzir efeito sem causa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MUTARELLI, Lucimar Ribeiro. *Lourenço Mutarelli e a representação do herói*. Artigo apresentado à disciplina 'Histórias em Quadrinhos, Comunicação e Informação', do curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP, 1999.

PAZ, Líber Eugenio. *Considerações sobre sociedade e tecnologia a partir da poética e linguagem dos quadrinhos de Lourenço Mutarelli no período de 1988 a 2006*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná.

SHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Nadison M. da. *Elementos para a análise das Histórias em Quadrinhos*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., Campo Grande, MS, set. 2001.

SHØLLAMMER, Karl Erik; Heidrun Krieger Olinto (Orgs.). *Literatura e mídia*. Rio de Janeiro: PUC-RIO-SP: Loyola, 2002.

VAZ, Rafael Araldi. O que o retrato retrata? Identidade e ficcionalidade. *Esboços: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*, v. 15, n. 19, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/9342>>. Acesso em: 10 jun. 2009.

Entrevistas

FÓRUM das Letras. Entrevistadores: Carla Cardoso Silva e João Ventura Neto. Ouro Preto, 7 nov. 2008.

LORENÇO Mutarelli: um artista na acepção da palavra. Entrevistadores: Sidney Gusman e Marcelo Naranjo. Universo HQ, 2001.

PARA gostar de letras. Entrevistadora: Carla Cardoso Silva, *Monitor Campista*, 11 nov. 2008.

ROMANCES traçados. Entrevistadora: Carla Cardoso Silva. *Monitor Campista*, 8 nov. 2008. Entrevista.

UNIVERSO HQ. Entrevista. Disponível em: <www.universohq.com/quadrinhos/entrevista_mutarelli01.cfm>. Acesso em: 27 abr. 2009.

Filme

O CHEIRO do Ralo. Baseado no livro de mesmo nome de Lourenço Mutarelli. Roteiro de Lourenço Mutarelli e Marçal Aquino. Direção de Heitor Dhalia.